„Acceitamos a violencia sómente como um meio de libertação mas nunca como um systema", pois almejamos a felicidade de todos os homens, e, por isso pregamos a Revolução Social que não é, como muitos pensam, para tomar posse do poder politico mas para destruil-o de modo a não ser um empecilho para a felicidade humana.

O SYNDICALISTA

„Trabalhadores! Sois pequenos porque estaes de joelhos. Levantae-vos!"

Redactor responsavel ORLANDO MARTINS

Gerente LEOPOLDO MACHADO

ANNO VII — NUMERO 9

ORGAM DA FEDERAÇÃO OPERARIA DO RIO GRANDE DO SUL
(Adherida á Associação Internacional dos Trabalhadores de Berlim)

Porto Alegre, 15 de Novembro 1925
SABBADO

EXPEDIENTE

Assignaturas

Anno	10$000
Semestre	5$000
Trimestre	2$500

Numero avulso 200 réis.

—

Toda a correspondencia de redacção deve ser dirigida ao camarada O. Martins, rua Esperança 74.

—

A commissão redactorial d'*O Syndicalista* ficou assim constituida: Augusto Ignacio da Silva (Rio Grande); Edgard Leuenroth (S. Paulo); Sebastião Lamotte e Reduzindo Colmenero (Bagé); João Francisco e R. Xavier (Pelotas); O. Martins (Porto Alegre).

A commissão administrativa ficou composta dos companheiros: Mauricio Feldman, José D. Luz, Manoel Coelho da Silva e F. Kniestedt, sendo que todos os valores em dinheiro devem ser endereçados a este ultimo camarada, que é o thesoureiro, com o seguinte endereço: F. Kniestedt, rua Voluntarios da Patria n. 365, P. Alegre (Liv. Internacional.)

Attitudes

Estudando a situação precaria, tanto economica como moral e intellectualmente falando, em que se encontram os trabalhadores, em Porto Alegre e cremos que em todo Estado, chegâmos á triste conclusão de que a desorganização da maioria dos trabalhadores tinha dado como resultado positivo um estado mental bem diverso daquelle que seria necessario para uma solidariedade relativamente consciente e decidida.

Os maiores inimigos das nossas proprias reivindicações temos sido nós mesmos, os trabalhadores, que não temos sabido reagir contra a educação que nos é dada de accordo com os interesses politicos e sociaes da burguezia, nutrindo em todos nós ideias de submissão e fazendo-nos crêr que as injustiças devem ser supportadas para ganharmos, depois de mortos, um paraizo, que ella reserva aos pobres de espirito.

A solidariedade — a nossa maior arma d combate — tanto na defeza como no ataque, é esquecida e até ás vezes combatida, pelos proprios operarios que não só se torrem inimigos das sociedades operarias como ás vezes, em questões entre trabalhadores e patrões preferem se collocar ao lado do rico explorador não comprehendendo que uma injustiça feita a um homem que trabalha deve ser considerada injustiça feita a todos os trabalhadores.

Dessa falta de solidariedade individual resulta tambem a falta de solidariedade collectiva gerando inimizades individuaes que têm seu reflexo prejudicial sobre a causa de todos os trabalhadores.

Desorientados, os trabalhadores perdem a confiança em si mesmos, na sua força e no seu proprio valor deixando-se levar pela enganadora esperança de que este ou aquelle governo, este ou aquelle partido politico póde fazer uma verdadeira justiça social.

Temos nós, os trabalhadores organizados na F. O., na medida de nossas forças, enfrentado todos os embusteiros que procuram desviar os propositos libertarios que devem ter como objectivo todas as luctas sociaes.

Não escondemos nossas convicções; defendemos a Revolução Social que deitará por terra todas as instituições sociaes que separam os homens.

O Capital e o Estado precisam desapparecer para que seja um facto a Confraternisação e o Amor entre todos os seres, abraçando-se como irmãos e não devorando-se como féras pela ambição do dinheiro ou pela ostentação e predominio politico de uma determinada classe social.

Combatemos o Estado sob qualquer rótulo que elle se apresente pois é organismo de oppressão imposto sempre a vontade e idéas de um ou de alguns homens, mas incapaz de sentir, resolver e executar a vontade de todos.

Os que pensam na impossibilidade do povo fazer aquillo que elle proprio necessita para o seu proprio bem estar se enganam a si mesmos, esquecendo-se do proverbio: „Quem quer vae e quem não quer manda". Os governos, por mais bem intencionados, por mais sabios e intelligentes que sejam os seus homens, por melhores que sejam as suas theorias politicas não poderão satisfazer ás necessidades do povo, porque desde o momento que se constituem em directores da heterogenea, complexa mas necessaria aspiração de bem estar, contida em cada um individuo — que no conjuncto forma a sociedade — se param-se por uma muralha intransponivel dos interesses collectivos.

Venha a nós o nosso... Deus

Nós estamos, «sempre cada vez mais» convencidos pelos factos historicos passados e presentes do fracasso de todos os systemas de governo.

Emquanto não se supprimir o Estado — expressão da vontade de alguns — pondo em seu logar — O Livre Accôrdo — expressão da vontade de todos, tudo será palliativo, será engodo, na satisfacção das necessidades sociaes collectivas.

Revolução Social não é sómente uma lucta armada com os defensores da iniqua sociedade actual num determinado momento de revolta popular, inconsciente e sem objectivo, mas aquella que se faz na consciencia do homem, tornando-o capaz de comprehender os seus deveres e os seus direitos, pondo-o na altura de esquecer-se de si para pensar no bem estar de todos.

A mais poderosa dynamite que temos a empregar: é a „dynamite cerebral" que hade fazer raciocinar os cerebros e revolucionar as consciencias.

Essa Revolução não se fará por determinação de um partido ou pelos decretos de um chefe.

Ella se faz com a formação de uma nova mentalidade no povo — realizando a todos os que, de facto luctam para o estabelecimento de uma verdadeira harmonia social, destruindo a ignorancia, a superstição e os preconceitos que dividem os homens em diversas classes, para dar lugar a uma Nova Sociedade — A Sociedade de Productores.

O trabalho, condição essencial da vida, não poderá desapparecer da face da terra, sob pena da mais completa ruina social, antes, terá de ser intensificado de accordo com as necessidades do consumo, de modo a não prejudicar, uma maioria em beneficio de uma minoria parasitaria, como acontece actualmente.

Instrumentos de trabalho, fabricas, officinas, transportes maritimos, terrestres e aereos, campos, materias primas, conhecimentos scientificos e philosophicos não podem continuar sendo propriedade de uma minoria de individuos, em prejuizo da felicidade de todos os homens.

Proseguiremos.

COLLABORAÇÃO FEMININA

Proletarios!

Soou a hora das nossas reivindicações, correi aos vossos postos.

Offereçamos a vida em troca da nossa liberdade, rebentemos as algemas que ha tanto tempo nos opprimem!

Ponhamos por terra todos os privilegios!

Ateamos fogo violento a todas as leis e codigos creados pelos tyrannos!

Depois desta passagem tudo o despotismo e tyrannia desapparecerão e com elles a humilhação e a baixeza moral.

Ahi então apparecerá a pompsa sociedade moderna, igualitaria, cheia de paz, amor, justiça, liberdade e trabalho honrado e util.

A esta moderna concepção de viver chamâmos Anarquia.

E eu, Anarquia, que sou tua filha fiel e dedicada estou de braços abertos para receber.

S. Gabriel, Novembro de 1925

Alayde L. Campos.

„O Syndicalista"

Não fôra a necessidade da sahida do nosso jornal, para a publicação dos trabalhos do 3.o Congresso Operario e não teriamos iniciado a sua publicação semanal sem a acquisição de uma machina para que podessemos nós mesmos imprimil-o, não sendo necessario o incommodo e arriscado transporte de paginas, pois a composição typographica é feita com material que adquirimos ha tempos.

O grande inconveniente do transporte das paginas provou-se praticamente pois fomos obrigados a falhar um numero do jornal, devido a se terem quebrado paginas, quando eram transportadas em carroça, por ser muito longe o local onde são impressas.

Resolvemos então fazer uma emissão de acções de 10$, 25$ e 50$, com o fim de fazer a compra de uma machina, ampliando depois dessa compra, que monta em 5:000$000, a nossa typographia de modo a fazermos todos os trabalhos de propaganda como sejam manifestos, folhetos e boletins etc., mesmo para as organisações operarias de fóra de Porto Alegre. Para tratar desse assumpto seguirá breve, para Pelotas e Rio Grande o camarada Augusto I. da Silva, a quem esperamos prestem os camaradas, todo o apoio.

3.º CONGRESSO OPERARIO

O proletariado organizado do Rio Grande do Sul reaffirma seus propositos libertarios resolvendo combater todos os partidos politicos

(CONTINUAÇÃO)

Tornando a fazer uso da palavra, a companheira Alzira, repisa a importancia do thema em discussão, faz diversas considerações e termina apresentando a seguinte

MOÇÃO

Companheiros!

Na minha condição de mulher e, tendo de fallar-vos, a respeito da situção das mulheres proletarias em geral, devo advertil-os, que, o faço na certeza de muito deixar a desejar sobre o assumpto. Não são só e simplesmente os factos recolhidos dos livros de estudos, sinão da propria experiencia, portanto, poderá ter algum erro, nos aspectos particulares.

Mas não assim, nos seus aspectos geraes, por quanto como operaria tenho opportunidade de observar, vivendo essa vida de mulher productora. Dividirei esse problema em duas phases: A primeira, economica. A segunda, social.

Devo advertil-os ainda que só será um debil reflexo da vida real, porquanto a mulher proletaria está duplamente explorada na condição de mulher e na condição de operaria.

Na phase economica, o salario medio que percebem as mulheres, actualmente, é de 4$000 diarios. A maioria dellas, têm que sustentar os filhos, mães, irmãs, e a si proprias; Podem, por ahi os companheiros e companheiras imaginar, com a carestia da vida, as dificuldades, as luctas, e as pessimas condições de alimentação em que encontram as mulheres proletarias em geral.

E' por isso que as vemos magras e abatidas, sem animo para luctar em favor da sua propria existencia.

Maximé quando tomamos em conta que a jornada de trabalho é de 8 horas e mais, pois ainda ha casas em que se trabalham 14 e 16 horas, como por exemplo os trabalhos de chapeleiras, costureiras sob medida, etc. Podemos ainda prevêr o estado de animo em que se encontram nossas irmãs, que após tão fatigante trabalho e um misero salario, teem necessidade de fazer seus serviços domesticos; como já disse, a maioria são mães de familias, que teem necessidade de manter os seus e de amparal-os contra as miserias da vida. Por isso, não nos devemos admirar da sua falta de animo e tomarmos interesse por nossas companheiras que, nem siquer teem o tempo necessario para pensar na sua pessima situação e organizarem-se. unirem-se para conquistar melhorias na sua vida. Por isso, urge que os companheiros que estão organizados, prestem especial attenção a essas irmãs abatidas e explorados, tratando de levantal-as, animal-as e trazel-as á organização, cumprindo assim um um dever para com ellas. Sabemos que a mulher é considerada como ser inferior e fraco. Mesmo não a vimos tomar parte, sinão raramente, nas organizações de classe, devido a uma certa influencia religiosa e que faz com que, ella por si mesma se considere sem o direito de luctar em favor de suas reivindicações. Vemos em todas as industrias o braço da mulher explorado miseravelmente como productor de mão de obra barata pelos capitalistas e comprehendemos que ninguem sinão ellas mesmas, podem e devem luctar para o seu proprio bem estar. Mas temos a dura necessidade de incital-as e animal-as para que se defendam contra a tyrannia dos exploradores.

Essa responsabilidade recae justamente sobre as organizações operarias.

Por isto, proponho que o Congresso tome uma resolução no sentido de lembrar a cada organização operaria a necessidade de fazer parte de suas actividades, a organização das mulheres. Só desse modo se poderá melhoror a triste situação das grandes massas de trabaliadoras femininas.

Como já disse, as minhas palavras só podem ser um debil reflexo da vida real, mas espero que alguem, com palavras mais energicas, exponha a situação das mulheres, neste Estado e mesmo no Brasil inteiro, e que, isto seja como um espelho para nossas irmãs de infortunio para que ellas mesmas possam ver e comprehender que só com a sua organização, com a sua união poderão, um dia, melhorar a sua pessima situação.

Temos a aggregar que não podem nem devem esperar de nenhum partido politico ou governo a sua defeza economica, physica ou moral, porque a Historia não registrou factos desta natureza e, si se registraram, não passaram de migalhas, atiradas para acalmar animos irritados, num certo momento em que a miseria tenha sido insupportavel, portanto proponho:

1.º — Que a Federação Operaria, bem como todos os Syndicatos a ella adheridos e, especialmente aquelles que, em sua classe tenham como camaradas as mulheres, nas officinas, devem dedicar especial attenção para organizal-as;

2.º — Que nos periodicos como em boletins, palestras e conferencias, se devem dedicar de modo especial para levantar o espirito da mulher proletaria."

Sendo essa moção approvada unanimemente passou-se á discussão do thema

ORGANISAÇÃO DOS TRABALHADORES RURAES

Com a palavra o companheiro T. Marins encarece a grande necessidade de organizar os trabalhadores ruraes. Expõe ao Congresso o resultado dos trabalhos que já tem realizado entre os trabalhadores ruraes; das condições dos mesmos; dos meios a empregar para a sua organização e termina, depois de longas considerações, appellando para que o Congresso dedique uma especial attenção ao assumpto em discussão.

Com a palavra o companheiro Kniestedt reforça as considerações feitas pelo companheiro T. Martins; informa ao Congresso que já tem feito excursões de propaganda entre os trabalhadores ruraes e faz demorada exposição das condições dos mesmos. O companheiro Kniestedt concita o Congresso a estudar e tomar muito a serio a organisação dos trabalhadores ruraes e termina depois de affirmar ser mais facil organisal-os que aos trabalhadores das cidades.

Com a palavra o companheiro Pedro Santos lembra que quando tiver de sahir algum companheiro para organizar os trabalhadores ruraes, seja o companheiro Kniestedt.

O companheiro Kniestedt justifica a sua recusa.

O companheiro Augusto diz que alguns companheiros excursionam pela campanha e devem auxiliar a organização dos trabalhadores ruraes; que elle e mais um companheiro partiriam em breve e iniciariam a obra de propaganda entre esses trabalhadores.

Falla o companheiro Grecco quanto aos meios de organisar os trabalhadores ruraes e a necessidade de fazer obra boa entre elles.

Com a palavra o companheiro Colmenero refere-se á forma de agir dos campanheiros quando em propaganda, que devem ser commedidos na forma de expressar-se e falla longamente expondo os recursos de que tem lançado mão quando nestas excursões, sempre com bons resultados.

Falla o companheiro Sebastião fazendo diversas considerações sobre o thema em discussão e relatando o que pretendiam realisar os companheiros de Bagé quanto á organisação dos trabalhadores ruraes.

Retomando a palavra o companheiro Colmenero amplia a exposição feita pelo companheiro Sebastião e detalha a obra que tem em mira effectuar os companheiros de Bagé,

Pede a palavra o companheiro T. Martins e, depois de algumas considerações apresenta o seguinte

MOÇÃO

Considerando que, a organisação dos trabalhadores ruraes, apezar de serem estes os productores de consideravel riqueza social, produzindo tudo que mais se torna necessario á vida das collectividades, é uma necessidade imprescindivel e inadiavel por serem elles muito sacrificados pelo trabalho exhaustivo e mal pago;

Considerando que só a organisação desses trabalhodores poderá ir elucidando-os de maneira a attingirem a um estado de consciencia afim de os capacitar para reivindicarem os seus direitos ao lado dos trabalhadores organizados da cidade, defendendo seus interesse de explorados e luctando pela emancipação humana, proponho:

1º — Que as organisações operarias das cidades procurem os meios mais praticos de interessal-os nas reivindicações operarias e sociaes;

(Continúa.)

COLLABORAÇÃO DE BAGÊ

O Cogresso Operario

Mas, eu, collocado no terreno idealistico pouco me importo, pois lucto por convicções e não por exhibição.

Por isso, explanando minha opinião de idealista e militante sincero, direi que o Congresso Operario Regional, deve ter feição ampla na discussão das ideas tanto na lucta economica como na finalidade que devem ter todas as luctas proletarias.

E' preciso levar em linha de conta que todas as questões devem ficar bem ventiladas, definindo o meio, fazendo saneamento moral nas organizações dos trabalhadores, fazendo notar que as associações chamadas beneficentes são palliativos retogrados.

Pois essas associações já não se coadunam com as aspirações dos trabalhadores modernos da epocha presente.

São organizações caducas, como caduca é a actual organisação social.

E deverei fallar aqui dos conceitos que fiz sobre os socialistas e communistas de Estado em „Nossa Voz", porque os considero um dos meios politicos mais hypocritas da actualidade; porque a politica dos burguezes de carapuça já está descoberta tendo passado sua phase historica.

Desses novos Messias de carapuça, refinados politicos, temos a analysar a acção demonstrando suas causas e effeitos.

Socialistas e communistas de Estado, com sua ideologia marxista defendendo a autoridade contra a Liberdade já procuraram dividir os trabalhadores desde a I Internacional.

Carlos Marx e Miguel Bakunine se enfrentaram em principios contrarios e a lucta continuou.

Os bakuninistas formaram a escola libertaria e os marxistas a escola autoritaria.

E na epocha actual, a politica dos leninistas atirada de Moscovia pela Internacional Vermelha, tem servido para entorpecer os trabalhadores na marcha para a realização de uma nova sociedade.

Disso temos provas bem frizantes.

Vejamos na França, em Portugal, Allemanha, Italia, etc., as luctas que travam para se apoderar das organisações operarias.

Aqui mesmo no Brasil: no Rio, S. Paulo e em todos os Estados fazem esforços inauditos, não olhando meios, para serem dictadores impondo sua politica.

Assim temos que dar combate sem treguas a mais esses papagaios de parlamento.

Devemos pois demonstrar aos trabalhadores o caminho a seguir para emancipação do homem que deverá ser livre sobre a terra livre pela Revolução Social que o hade levar ao communismo libertario numa sociedade sem amos nem ladrões.

Guerra pois a todos os politicos!

Bagé, 27 de Setembro de 1925.

Venancio Pastorini.

Nosso Correio

CARPINSKI — P. Alegre — Se a collaboração estiver de accôrdo com convições sinceras embora adversas ás nossas publicaremos, com praser, reservando-nos o direito de commental-a si fôr necessario.

EDGAD — Enviaremos correspondencia.

Syndicato Padeiral

REUNE-SE DOMINGO, A'S 3 HORAS NO SALÃO RUY BARBOSA

Movimento Associativo

FEDERAÇÃO OPERARIA LOCAL

Na ultima reunião do Conselho Federal tratando-se de diversos assumptos, resolveu-se fazer uma campanha pró-presos por questões sociaes, promovendo comicios publicos e ficou o Conselho encarregado de encaminhar um festival em beneficio da Federação Local, dentro do mais breve praso possivel.

SYNDICATO DOS TRABALHADORES EM MADEIRA

O Syndicato dos Trabalhadores em Madeira chama a attenção dos trabalhodores em madeira em geral para que não se deixem illudir com as falsas paomessas dos proprietarios de serrarias e depositos de madeira que, querem fazel-os trabalhar horas extraordinarias.

Não se devem esquecer dos factos passados em certas casas que augmentaram as horás de trabalho como extraordinario para depois, despedir seus operarios embora tivessem dito antes que o augmento era para melhorar a situação de seus operarios.

Despachando os antigos fizeram os novos trabalhar 9 horas pelo mesmo ordenado.

Tambem chama a attenção para as casas que querem diminuir o salario allegando a baixa do preço das madeira e quando as madeiras eram vendidas a preços altissimos allegavam que, devido a isso, não podiam augmentar os ordenados embora a carestia da vida fosse grande.

E' necessario pois que compareçamos ás reuniões do Syndicato dos Trabalhadores em Madeira para tratarmos dos nossos interesses pois não serão os nossos patrões que vão se interessar por nós.

SYNDICATO DOS CANTEIROS E CLASSES ANNEXAS

O Syndicato dos Canteiros tem realizado suas reuniões séde social á Avenida Nonohay, no fim da linha de Theresopolis as sabbados com grande concorrencia, tendo tratado de diversos assumptos de interesse para a classe.

Foi constituido o Conselho e a Commissão Executiva tendo ao finalizar uma das ultimas reuniões, feito entrega dos utensilios e da thesouraria do antigo Syndicato, o companheiro Salvador Vega e sendo nomeada tambem uma commissão para a revisão de contas.

SYNDICATO DOS OPERARIOS ALFAIATES, COSTUREIRAS E ANNEXOS

Tendo-se manifestado, por parte dos patrões a tendencia para diminuir os salarios, motivado pela subida do cambio, este Syndicato, em reunião de assembléa geral, depois de detida discussão, resolveu:

1º — Não acceitar sob nenhum ponto de vista reducção nos salarios.

2º — Chamar a attenção da classe em geral para que se ponha alerta.

3.º — Convocar nova reunião para tratar do assumpto.

4.º — Continuar na propaganda para a conquista das 44 horas de trabalho semanal.

Séde: Rua Esperança 74.

CONSELHO FEDERAL

A exploração desmedida de que são victimas os operarios que trabalham nos estabelecimentos fabris obriga o Conselho Federal da F. O., a fazer algumas considerações sobre a pessima situação em que encontram:

De S. Leopoldo escreve-nos um companheiro: „corre aqui que na fabrica de phosphoros os burguezes estão despedindo seus operarios para substituir por outros com o fim de diminuir os salarios aos novos que entrarem. Vou indagar do facto para informar detalhadamente.

— Não se póde conceber que os srs. exploradores da Fabrica de Tecidos usando de suas manhas, paguem de 2.000 a 4$900 a operarios e quando têm um pedido de augmento sonegam a satisfacção desse pedido transferido o reclamante para outra secção e fazendo-lhe acreditar que assim procedem para poder fazer um augmento que, nunca chega.

O gerente Sr. Freitas é o instrumento de execução dessas manhas pois os operarios vão ao escriptorio da rua 7 e voltam, quasi sempre com esperança de augmento que fica burlada.

— Nos engenhos do Moinho Bopp tambem se pratica de uma forma identica a exploração, pois, ganham os que trabalham de dia 220$000 e os que trabalham á noite 260$000 por 11 horas de trabalho diurno e 12 horas de trabalho nocturno.

No proximo numero d, O Syndicalista" publicaremos uma carta de uma companheira de uma fabrica.

S. UNIÃO MARITIMA

(Filial desta capital)

Da sua viagem ao Rio Grande acha-se de volta o companheiro Manoel Porfirio, que está á disposição dos companheiros maritimos, na séde á rua Voluntarios da Patria n. 465 (sobrado).

Rio Grande

FEDERAÇÃO OPERARIA

Continua viva a acção da propaganda no seio das diversas classes.

Estão em vias de organisação os Syndicatos de Construcção Civil e outros mais.

A classe estivadora agita-se e espera-se que ella venha a se reorganizar.

Continuam as reuniões do Comité de Propaganda e Organisação.

A actividade do Grupo Pró, O Syndicalista" é animadora, tendo conseguido grande numero de assignantes e intensificado a venda avulsa do jornal.

S. UNIÃO MARITIMA

Tomou posse no dia 8 do corrente, a nova directoria dessa Sociedade.

Foi enviado para Porto Alegre auxilio em dinheiro para o Comité Pró Presos Sociaes.

Façanhas clericaes

HORRIVEL ATTENTADO CONTRA UMA MENINA

Transcrevemos do serviço telegraphico do „Correio do Povo", para commentarmos no proximo numero, o seguinte:

MADRID, 13 — (C. P.) — Ultimamente, em Sabadell, provincia de Barcellona, uma menina que pertencia ás classes de um convento, viu, pelo orificio da fechadura de uma porta, as expansões de um sacerdote e de uma irmã, em trajes mais que ligeiros. Intrigada, communicou ás suas companheiras, levando o facto ao conhecimento da superiora. Esta, havendo reunido todas as meninas, fez ajoelharem-se, applicando lhes um castigo. Depois, duas meninas confessaram que tinham espalhado a noticia, mas que nada haviam visto e designaram a companheira que tinha affirmado haver observado a scena escandalosa. Essa menina foi immediatamente presa e, tornando á sa a as duas companheiras que a haviam denunciado, foram á casa dos paes da pobre menina, narrando o facto. O pai, immediatamente, foi ter ao convento e, reclamando a sua filha, lhe responderam que a mesma se retirára para casa. Não crendo em tal, o pai exigiu que lhe fosse permittido procural-a nas dependencias da escola, na certeza de que a encontraria. Ao chegar ao «water-closet», effectivamente, encontrou a sua filha estendida ao sólo e sangrando horrivelmente pela bocca, pois tinha a lingua cortada. Um medico certificou, immediatamente, que a menina havia escorregado e que, ao cahir, havia cortado a lingua com os dentes. O pai, não o acreditando, ameaçou-o ao sahir do convento, mas foi feito prisioneiro pela policia, a qual levou-o á delegacia, onde se lhe fez comprehender que, si não se calasse, seria immediatamente encarcerado. Ao passo que a victima succumbia em consequencia da gangrena, o assumpto se regularisava, sendo paga ao pai, a importancia de 25.000 pesetas de indemnisação. Ao recebel-as, teve elle que assignar uma declaração, segundo a qual confiava a sua filha a um convento longiquo, como interna, para ser educada, afim de tomar o véo. A censura supprimiu toda a noticia a respeito desse horrivel drama cuja versão, não obstante corre de bocca em bocca. E' extraordinaria a indignação; porém, o povo está amordaçado e aterrorisado, nada podendo fazer.»

MISERIA

A FABIO LUZ

O seculo é de Luz! bradam de todo lado...
O seculo é de amor!.. E a treva rodopia...
Treva nos corações, ermos da luz do dia.
Odios por toda a parte.. E' mentiroso o brado!

Luz, Amôr — quando o pobre erra desamparado,
Luz, Amôr — quando a fome e a ignorancia, á porfia,
rondam sinistramente, afiando unhas de harpia...
Só si a Miseria é luz e o Amôr é um scelerado!

A força dominando! O ouro opprimindo a Vida!
Para os maus o Thabor... Para a legião vencida,
no calvario da lide, os braços de uma cruz.

E o seculo é de Luz e de Amôr.. Que sarcasmo!
Tanto gemido.. tanta angustia.. tanto espasmo..
Ventres pedindo pão.. Almas pedindo luz!

Mario de Lima.

A União dos Estudantes de Xangai faz um appellò ao mundo

O moviment de lucta, que se extende hoje por tudo o territorio da China, teve a sua origem numa série de violencias commettidas contra o povo chinez, primeiro pelos japonezes e, depois de peior fórma, pelas autoridades inglezas de Xangai.

Aos operários chinezes das fabricas de Xangai negaram-lhe os capitalistas japonezes o direito de formar organizações de resistencia, e nesta situação se travou uma lucta em que muitos trabalhadores foram assassinados vil e covardemente.

Em vista desta injustiça, os estudantes chinezes intentaram apresentar á opinião publica a verdade dos factos succedidos, por meio de conferencias perante a Colonia Internacional, porém as autoridades municipaes inglezas determinaram fazer calar as nossas palavras, pelo mais cruel e terrivel dos methodos: metralhando-nos em massa, e causando a morte, não só aos nossos jovens oradores, mas tambem de innocentes transeuntes.

Desta maneira se iniciou a tragedia de 30 de Maio e dias successivos, com grande numero de mortos e feridos.

Foram estes acontecimentos que determinaram a gréve geral em toda China com o fim de chamar a attenção do Conselho Municipal sobre a grave situação que provocou, e de que elle sómente foi o responsavel.

Duas semanas depois do massacre, uma delegação do Corpo Diplomatico em Pekin, representando os poderes da Inglaterra, Japão, America do Norte, França, Italia e Belgica chegou a Xangai para investigar a causa dos succesos, com o proposito de chegar a uma immediata solução com as autoridades chinezas. Estas intenderam que só uma combinação se podia fazer partindo do principio fundamental da observação de direitos estabelecidos.

Não querendo ouvir a voz da justiça, os inglezes e japonezes negaram a responsabilidade nos prejuizos causados pelo Conselho Municipal, recusando considerar as seguintes questões:

A participação chineza no trabalho administrativo da Colonia e a liberdade de palavra e organização.

Mas, além disso, deitaram culpa ao governo chinez por não tomar sufficientes precauções, interrompendo as negociações depois de tres dias de conferencias.

Esta attitude, falando mais forte que as palavras, dizem-nos que os inglezes apoiados pelos japonezes não desejam „jogo limpo". Não tomam em consideração que a paciencia do povo chinez chegou já ao limite e, como ultimo recurso, nós fazemos um appello ao mundo em nome dos trabalhadores e dos estudantes, fazendo saber a rectidão das nossas intenções, a justiça dos nossos pedidos e a firmeza das nossas resoluções.

Ambos, inglezes e japonezes, opprimiram-nos já demasiado, e a recente tragedia desenrolada no nosso proprio sólo, é simplesmente uma méra expressão das violencias que continuamente elles levam a cabo.

Elles obrigaram nos a crer que não póde haver cooperação entre a a paz que nós amamos e um povo acostumado á aggressão e de que todavia existem homens no mundo que conhecem de que fórma o direito deve dominar a força.

No nosso proposito de fazer certa esta asserção, confiamos em que todos aquelles que prégam a paz no mundo, a liberdade e a igualdade entre os homens, se levantem, e nos concedam seu apoio para dar lugar a que o nosso esforço consiga fazer ouvir a justiça e o direito entre a timidez ridicula do silencio.

Desejamos por nossa parte pôr todas as nossas energias para fazer deste mundo um logar onde a vida seja melhor, porém necessitamos do auxilio dos povos que pensam, para conseguir realizal-o.

Xangai, 5 de Julho de 1925.

A UNIÃO DOS ESTUDANTES

CAMARADAS! NÃO DEVEMOS ESQUECER NOSSOS CAMARADAS PRESOS! PRECISAMOS AGIR!

Secção Maritima

Sob direcção da S. U. Maritima do R. G. S.

Realizando um Ideal

(Cont.)

Quebradas as cadeias que prendiam os marinheiros do Estado á prepotencia e ao exclusivismo do Rio de Janeiro — que por tanto tempo fôra obice ao progresso da „A. de Marinheiros e Remadores" e entravara o Rio Grande do Sul na realização da sua aspiração de solidariedade do proletariado de terra e mar — ficou bem nitido, bem vivo o ideal de solidariedade afagado carinhosamente, de longo tempo, pela maioria dos maritimos daqui. A refrega de 1920 que confundira marinheiros, taifeiros, culinarios e panificadores maritimos e, á ultima hora, os carvoeiros e foguistas deixam a semente que havia de, alguns annos mais tarde, germinar no Sul, encorajando os maritimos para a tentativa — hoje uma realização, já — de solidariedade do proletariado de terra e mar.

A derrota que soffremos em 1921 com o fracasso da gréve não nos esmagou, não nos aplastou.

As falhas observadas, as causas da derrota foram ensinamentos preciosos que nos guiam no presente e nos conduzem para as luctas do futuro. Habituados que estavamos a ver as consequencias do „imperativo dos decretos" da Casa Matriz e sabendo de antemão que a obra do Rio Grande do Sul seria desapiedadamente combatida e mesmo diffamada, apressamo-nos em fazer distinguir, em plena agitação o quadro doloroso que a todos era dado a ver, calmamente: de um lado a tyramnia da Directoria, a intolerancia resultante do despotismo do systhema centralista e do outro lado os maritimos humilhados, explorados vergonhosamente pelos armadores gananciosos e brutos.

A burguezia cevando o seu odio, vingando-se dos maritimos entregues ao acaso, abandonados cobardemente depois da derrota de 1921, emquanto dormitavam estipendiados, com vantajosos ordenados os companheiros que a classe escolhera para interessarem-se pelos seus destinos. Era preciso separar o joio do trigo!

A mais viva solidariedade aos maritimos do resto do Brasil era um dever inadiavel: — escravisados pela burguezia voraz e pelos companheiros prepotentes e autoritarios deviam merecer a nossa especial attenção como irmãos duplamente sacrificados!

Trabalho insano, este! fortificar a organisação incipiente, proseguir na obra de orientação toda nova e transpor as fronteiras para estreitar os vinculos da solidariedade com os irmãos de luctas, que mourejam e soffrem abandonados e desanimados!

Para nós, uma cousa é a „A. de M. e Remadores" com os seus Estatutos draconianos, o seu centralismo ferrenho, a sua Directoria com attribuições tyramnicas; e outra, bem distincta, os companheiros maritimos victimas dos primeiros e da ultima.

Os resentimentos, o antagonismo e o odio não podiam aninhar-se ou medrar entre os marujos do Rio Grande do Sul contra os seus irmãos de luctas, servidão e soffrimentos!

Victimas communs da exploração burgueza, irmanados pela ineluctavel necessidade de bem estar e libertação, não podiam ser, os companheiros marinheiros que pelo extenso littoral do Brasil e pelos mares a fóra trabalham e soffrem — não podiam ser, repetimos com calor, confundidos com um punhado de marinheiros interesseiros vulgares, com um punhado de phariseus que parasitam no seio da classe! Pela liberdade dos maritimos do Rio Grande do Sul e pela liberdade dos maritimos do Brasil é que quebramos, despedaçamos a grilheta com que pretendiam escravisar-nos!

Si não entramos só na lucta de reivindicações de direitos portergados; si houve protestos failazes de outros Estados; si houve submissão, falta de animo, carencia de ideal para realizar a obra de reerguimento da classe e o seu rejuvenescimento, não foi da nossa parte a culpa!

O Rio Grande do Sul, dispoz-se, entrou no rude prélio e está de pé, desassombradamente, no campo das realizações!

Não ficaram só os maritimos do Rio Grande do Sul; não perderam nada porque estão abraçados ao lábaro da — União Maritima!

(Continua).

O Estado mata. E' homicida e assassino. Mata com premeditação, com aleivosia, com encarniçamento. Mata como instrumento e com mão mercenaria. Mata sem paixão, sem abcecação, sem arrebatamento, mas sim por conveniencia, por egoismo e por calculo. Mata escandalosamente em publico, jactando-se desse acto.

„O Estado rouba. Gasta o que se lhe depara e, sem pagar as suas dividas, mette a mão na bolsa do contribuinte, sem o minimo resguardo.

A. Calderon.

Tlim! Tlim! Tlim!

— Olá! Quem é?

Tlim! Tlim! Tlim! Tlim!

— Olá! Quem fala?

— „O Phantasma". O telephone estava „enguiçado" como o serviço da Força e Luz!

— Como o bond operario..

— Qual operario! Quando não falta a taboleta do bond falta o bond.

— E' porque vae por „cessão". . .

— E' o „peso" de Porto Alegre; é peior que sezão!

— A Força e Luz com o prejuizo de cincoenta contos mensalmente, não. . .

— Quem disse que a Companhia tem esse prejuizo?...

— Mas o discurso „geremiado" do...

— Mentira!

— Porém... eu li!

— Não é verdade! o prejuizo da Companhia com o augmento do preço das passagens de bond, foi no mez findo, só e apenasmente de quarenta e nove contos e noventa e nove mil e setecentos réis e mais uns quebrados que não foram encontrados!

— Luminoso recurso! Então já houve uma differença de 300 réis na receita da „pobre" companhia!...

— Elevando o preço das passagens para 3$ desapparecerá o prejuizo.

— Levantando as passagens até 3$333 réis talvez venha a dar os 12 % que a „depauperada" Companhia tanto precisa e reclama!...

— E si a população levantar-se, „já tão" cansada de extorções e abusos!

— Ah!

— A vida está cara! Feiras livres!

O preço do kilo de pão não quer baixar! Padaria Municipal!

O preço das passagens de bond sobem... conferencias.. sessões municipaes...

— Será cangerê!...

— E'... é Elle!

— Elle?...

— Elle!

— Elle, quem?

— O homem que canta a revolução... e ella fracassa; defende um candidato... e elle é derrotado e morre!

— Basta! Não quero saber mais!

— Ah! sabe agora porque eu digo „Elle"...?

— E' uma cousa parecida com a „hespanhola"..

— Peior... a „hespanhola" passou e „Elle" ficará!

— Apre!

— E não pára ahi. „Elle" Projecta construir tudo; derrubar tudo; reformar tudo; modificar tudo; mudar tudo; modificar tudo; ensinar tudo; nivelar tudo; inaugurar tudo — até os „novos carros" da Força e Luz!

— . . .

FOLHETIM D'„O SYNDICALISTA"

3

O Evangelho da Hora

P. BERTHELOT.

CAPITULO III

Num campo que ia atravessando viu elle um homem — que trabalhava com uma pesada enxada.

2 E havia tres dias que esse homem labutava — sem que o campo estivesse ainda preparado.

3 Então elle disse-lhe: „Porque não lavras com a charrua? — Já o teu campo estaria prompto."

4 Mas o homem respondeu: „O meu campo é tão pequeno e eu sou tão pobre — que não posso trabalhar com o arado."

5 Ora havia ali muitos outros lavradores — que labutavam tambem com a enxada;

6 Mas alguns, que eram mais ricos — trabalhavam com a charrua braçal.

7 E elle perguntou-lhes: „Porque arais com essa pesada charrua — e não com a do castello?

8 Elles lhe disseram: „Os nossos campos são tão pequenos e nós somos tão pobres — que não podemos alugar o arado grande."

9 Então elle lhes disse: — „Quando soar a hora — derribae esses muros,

10 „Entulhae esses fossos, arrancae essas sebes — e fazei de todos um só campo;

11 „E ide buscar ao alpendre do castello o arado grande — e lavrae esse grande campo duma só vez.

12 „E alguns farão assim o trabalho de todos — com menor fadiga

13 „E para os outros não faltará trabalho util — porque haverá muito que fazer".

14 Mas os camponezes perguntaram-lhe: — „E que dirá o senhor do Castello?"

15 Elle disse-lhes: „Quando o senhor do Castello ouvir soar a Hora — a lingua se lhe seccará na bocca.

16 „Se o seu coração é mau, tentará fugir — mas não irá longe.

17 „Se é homem avisado e sabe acceitar o inevitavel — abrirá a sua porta e abaixará a ponte do seu fosso.

18 „Dirá a seus servos: — „Ide, já não tenho servos — não pago mais ordenados nem salarios.

19 — Quem commigo quizer ficar, fique; quem quizer ir-se embóra, que se vá; quanto a mim, vou trabalhar como sei e como posso".

20 „Mas si delle se estiver inflado de orgulho — porque o ultimo dos seus lacaios será seu igual."

21 E disse-lhe esta parabola: — „Havia um homem pobre que trabalhava — na vinha dum homem rico, duro de coração.

22 „E este homem rico maltratava o homem pobre acoimando-o de preguiçoso e mandando-o espancar por seus escravos.

23 „ Mas o homem pobre tudo acceitava com resignação pensando no seu intimo: — De que havia eu de viver se meu amo não me deixasse trabalhar na sua vinha?

24 „Ora veio um homem instruido que lhe disse e demonstrou — que a vinha não pertencia somente ao homem rico.

25 „Mas que elle vinhateiro tinha sobre ella o mesmo direito que o homem rico — e o seu direito era o de a trabalhar e gozar dos seus fructos.

26 „Então o homem pobre alegrou-se, poz-se a comer os fructos da vinha — coisa que até então não se atrevera a fazer.

27 „Mas o homem rico sobreveio e gritou irado: — Mandrião! quem te deu licença de „largar o trabalho — e comer os fructos da minha vinha?"

28 „Respondeu-lhe o homem pobre: — „A vinha não é só tua — ambos temos sobre ella o mesmo direito.

29 „Se lhes queres comer os fructos, trabalha-a como eu — porque não tens outro direito senão esse, que é tambem o meu".

30 „Então o homem rico encolerizou-se e disse aos seus escravos: — Açoitae-me esse insolente até elle perder os sentidos!

(Continúa.)